

GADAMER E A REFUNDAÇÃO DA CIDADE

Gadamer and the refoundation of the city

Gustavo Silvano Batista¹

RESUMO

A defesa que Gadamer realiza da noção de razão prática em detrimento ao atual domínio da razão técnico-científica é uma oportunidade de analisar o espaço no qual tal racionalidade prática atua efetivamente. Neste sentido, não haveria outro lugar a não ser a cidade, concebida como um espaço essencialmente ético-político. Assim sendo, pensar a cidade significa considerar tal âmbito primordialmente prático, onde princípios comuns básicos regem a imanência da vida e têm como finalidade o bem comum. Deste modo, pretende-se discutir a retomada gadameriana da práxis e sua relação com a possibilidade de refundar a cidade a partir dos elementos filosófico-práticos que, segundo o próprio Gadamer, encontram-se atualmente desconsiderados.

Palavras-chave: Gadamer. Hermenêutica. Compreensão. Práxis. Cidade.

ABSTRACT

Gadamer's defense of the notion of practical reason against the current domination of the technical and scientific reason is an opportunity to examine the space where such practical rationality is operated effectively. In this sense, there was no other place except the city, conceived as a space essentially ethical and political. Therefore, thinking the city means considering this sphere as primarily practical, where basic common principles governing the immanence of life towards the common good. Thus, one intend to discuss the resumption of Gadamer's praxis and its relationship with the possibility of re-founding the city from the philosophical and practical elements that, according to Gadamer, have currently been ignored.

Keywords: Gadamer. Hermeneutics. Understanding. Praxis. City.

¹ Doutor em Filosofia (PUC-Rio). Professor Adjunto I no mestrado em Ética e Epistemologia, Universidade Federal do Piauí (UFPI).

✉ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB). Rua Cicero Eduardo, s/n, Junco, Picos, PI. 64600-000.



A perspectiva de discussão da refundação da cidade surgiu do interesse em pensar o modo como Gadamer poderia contribuir para o debate sobre o meio urbano e as possibilidades da vida compartilhada que acontece neste mesmo âmbito. Analisando alguns textos posteriores a “Verdade e Método”, sua principal obra, percebemos um esforço no intuito de recuperar uma noção de cidadania que caracterizasse uma espécie de “espaço livre” (LAWN & KEANE, 2011, p. 49), no qual os indivíduos pudessem novamente conscientizar-se de seu papel decisivo, no exercício prático da razão, não mais limitados às orientações dos especialistas.

Por esse motivo, para considerar os traços próprios dessa nova cidade, teceremos algumas observações acerca da crítica de Gadamer ao domínio da técnica e a retomada de uma noção de razão – razão prática – que, a seu ver, seria compatível com o projeto de uma hermenêutica filosófica. Neste sentido, para Gadamer, uma das tarefas da filosofia seria preservar a razão, principalmente no que diz respeito ao seu traço ético, de uma crescente dominação da tecnociência, que impõe limites ao seu uso. Nas palavras do próprio Gadamer, “Penso, então, que a tarefa principal da filosofia é justificar o caminho dialógico da razão e defender a razão prática e política contra a dominação da técnica baseada na ciência” (GADAMER, 1975, p. 316).

Deste modo, Gadamer possibilita-nos uma caracterização de nosso tempo a partir do papel fundamental desempenhado pela tecnociência; e diante deste cenário, Gadamer pretende reabilitar um âmbito em contínua perda, ou seja, a práxis; por isso, a hermenêutica filosófica constitui-se, na perspectiva de Gadamer, um posicionamento crítico a nossa condição. Segundo Gadamer, “a hermenêutica é filosofia e, enquanto filosofia, filosofia prática. A grande tradição da filosofia prática sobrevive em uma hermenêutica que tem consciência de suas implicações filosóficas” (GADAMER, 1983, p. 76). Neste sentido,

poderíamos afirmar que o retorno à filosofia prática de Aristóteles significa para Gadamer um caminho peculiar de resposta do que Heidegger diagnosticou como *Gestell* (HEIDEGGER, 1977), âmbito de confronto entre homem e técnica, característico de nossa época.

Desta forma, a hermenêutica filosófica caracteriza-se como um tipo de pensamento que não desprestigia a práxis, ou seja, não se submete ao domínio da tecnociência mas, ao contrário, coloca-a em questão. Como afirma Gadamer: “Essa é a finalidade da hermenêutica filosófica: corrigir a falsificação peculiar da consciência moderna, a idolatria do método científico e da autoridade anônima das ciências e defender novamente a mais nobre tarefa da decisão-execução do cidadão de acordo com sua própria responsabilidade – em vez de ceder tal tarefa ao especialista” (GADAMER, 1975, p. 316).

Como modo de explicar este domínio técnico-científico, Gadamer apresenta nossa condição atual como um momento caracterizado por uma contraposição fundamental entre teoria e prática; E esta distinção coloca-se a partir de uma oposição entre ambas. Para Gadamer, o caráter estranho de tal oposição deve-se ao distanciamento do sentido grego outrora vinculado a tais esferas, não havendo necessariamente oposição, mas sim uma distinção de tipos de saberes; a partir do sentido dado pela modernidade, a práxis passa a ser relacionada fundamentalmente com o momento da aplicação da ciência, que, por sua vez, é considerada teoria.

Deste modo, a partir do desenvolvimento moderno das ciências, esta oposição entre teoria e prática se impôs, de acordo com Gadamer, à totalidade da vida social. Em outras palavras, é a partir desta oposição, resultado da imposição de uma racionalidade estritamente científica, que se encontra atualmente deformada a noção original de práxis. No artigo “O que é Práxis? As condições da razão social”, Gadamer referência coloca novamente a pergunta sobre a práxis que,

na tentativa de recuperação de seu sentido original, deve ser retomada a partir da transformação realizada pela ciência, no que diz respeito ao seu caráter instrumental, restrito à aplicação das teorias científicas. Sendo assim, foi devido à degradação da noção de práxis que a ciência se transformou num âmbito do conhecimento que passa a se arrogar como a única capaz de produzir conhecimentos que possibilitem o domínio da realidade como um todo.

Desta forma, Gadamer visa reconsiderar a noção de práxis a partir da consideração de um pressuposto que afirma o homem e seu poder de manipulação técnica da natureza. Existe, por isso, da parte de Gadamer, uma preocupação ética em termos de um restabelecimento de uma nova “razão social”. De acordo com Gadamer, o problema da razão social é um produto imanente da conjugação entre o ideal de construção da ciência e o modo de fabricação ou produção técnica. A ligação estabelecida entre ciência e técnica possui um duplo efeito: por um lado, a técnica científica, assim como o ofício dos artesãos, é integralmente relacionada a um projeto prévio. Ou seja, a técnica oferece à ciência um caminho de dominação da natureza, e, por extensão, da razão social. Por outro lado, a relação com o mundo torna-se empobrecida à medida em que a ciência destitui toda e qualquer possibilidade de uma experiência comum. Daí a perda de familiaridade com o mundo, que passa a ser estritamente compreendido através do funcionamento da técnica.

Neste sentido, coloca-se o problema da identidade da razão social, pois não existe somente um domínio da ciência, mas toda a vida humana passa a se mover em torno da técnica. Por conseguinte, a sociedade torna-se um lugar no qual os indivíduos se sentem muitas vezes dependentes e impotentes frente às possíveis formas de vida proporcionadas pela técnica. O questionamento de Gadamer coloca-se nos seguintes termos:

Para quem se trabalha aqui? Até que ponto os rendimentos da técnica estão a serviço da vida? A partir daí, delineia-se de uma nova maneira o problema que toda civilização tem enfrentado, isto é, o problema da razão social. A tecnificação da natureza e do mundo natural, em torno, se encontra sob o título de racionalização, desencantamento, desmitologização, eliminação de correspondências antropológicas apressadas. Finalmente, a rentabilidade econômica, um novo motor de uma transformação incessante em nossa civilização – e isto caracteriza a maturidade, ou caso se queira, a crise de nossa civilização – se converte em um poder social, cada vez mais forte. Só o século XX é determinado através da técnica de uma maneira nova, na medida em que lentamente se processa a passagem do poder técnico do domínio das forças naturais para a vida social (GADAMER, 1983, p. 43).

Mesmo as tentativas, por parte do domínio técnico-científico, de organizar funcionalmente a sociedade com a pretensão de possibilitar uma situação social mais racional e privilegiada, na qual o domínio técnico dos processos – como é o caso do especialista – deveria substituir a experiência prática e social, ainda permanecem traços essenciais da práxis humana, resistentes ao reducionismo técnico-científico. Gadamer visualiza essa resistência própria da práxis a partir do que ele considera ser a “base antropológica imutável”, formada pelo pensamento em relação à morte, ao trabalho e à linguagem. Essas esferas de resistência, diante da ameaçadora perda de identidade social do homem são, na opinião de Gadamer, os traços que ainda resistem a completa penetração da técnica na sociedade, não somente pelos modos de produção, mas também pela opinião pública. Diz Gadamer:

A sociedade de especialistas, é, ao mesmo tempo, uma sociedade de funcionários, pois corresponde ao conceito mesmo de funcionário, o concentrar-se na administração de sua função. Nos processos científicos, técnicos, econômicos, monetários e, por suposição, muito mais na administração, na política, etc., tem que se garantir como o quem é, ou seja, como alguém

que é empregado para o funcionamento deste aparato. Com esta finalidade é procurado; nisso reside suas possibilidades de ascensão. Ainda quando a dialética deste desenvolvimento é percebida por todo aquele que afirma que, cada vez mais, é menor o número de pessoas que tomam decisões e cada vez maior, o das pessoas que só estão a serviço deste aparato, a moderna sociedade industrial está submetida a uma coação objetiva imanente. Entretanto, isto conduz à decadência na desrazão social (GADAMER, 1983, p. 45).

Diante deste cenário, faz-se necessário uma reflexão filosófica que recupere o verdadeiro sentido da práxis e que signifique, em termos gerais, um retorno à referida “base antropológica imutável”, que ainda se sustenta diante das transformações humanas e sociais em curso. É nesta capacidade de resistir da condição mais básica do homem, ou seja, em sua facticidade, que se encontra fundada a constituição fundamental do homem da qual deriva a práxis enquanto um comportamento vital. E somente através da consideração desta condição comum mais própria do homem que é possível a recuperação do sentido mais genuíno da práxis. Diz Gadamer: “A sociedade humana se organiza a si mesma levando em conta uma ordem vital comum, de maneira tal, que cada indivíduo a reconhece como comum (e considera como delito sua violação)” (GADAMER, 1983, p. 47).

Assim, a questão da práxis não se esgota na adequação coletivo-funcional às mais naturais condições de vida. A sociedade humana se organiza pressupondo a relevância de uma ordem vital comum, na qual todo indivíduo a reconhece sempre antecipadamente. A práxis, portanto, está sempre concretamente motivada, preconcebida e atuante. Deste modo, para Gadamer, o que é comum é aquilo que está sempre atuante como parâmetro e condição para a vida humana. Esta condição comunitária e participativa, própria das sociedades humanas,

indica, em última instância, uma das características mais elementares da própria noção de razão.

Contudo, ainda estamos muito distantes de uma consciência comum. De acordo com a reflexão de Gadamer, a humanidade, diante de tantas crises e experiências dolorosas, não consegue encontrar uma nova solidariedade. Diante desta sempre nova série de progressos técnicos, estamos cegos para aquilo que se apresenta como estável em nossa convivência social: **a consciência de solidariedade**. Com esta consciência, a humanidade paulatinamente começaria a se entender como participante de um mundo em comum. Ao afirmar a necessidade de novas solidariedades, Gadamer rejeita uma visão de mundo própria da ciência e reage contra a ideia segundo a qual a especialidade técnico-científica deve sobrepor-se a estas solidariedades, próprias de uma vida compartilhada com os outros. Nas palavras de Gadamer:

Assim como, na superexcitada sequência de progresso de nossa civilização técnica, estamos cegos para os elementos estáveis, imutáveis de nossa convivência social, assim também, com o despertar de uma consciência de solidariedade, poderia surgir uma humanidade que lentamente começaria a se entender como humanidade, isto é, a entender, que está reciprocamente vinculada, tanto no que diz respeito ao seu florescimento, como à sua decadência e que tem que solucionar o problema de sua vida sobre este planeta. (GADAMER, 1983, p. 55).

Sendo assim, Gadamer aposta em um novo modo de pensar a sociedade, pautada em uma nova solidariedade que permita novamente a plena atuação de uma razão prática, condição social primordial da vida em sociedade. Neste sentido, ao responder à pergunta “o que é práxis?” Gadamer responde: “práxis é comportar-se e atuar com solidariedade. A solidariedade, entretanto, é a condição decisiva e a base de toda razão social” (GADAMER, 1983, p. 56). Ou

Gadamer e a refundação da cidade
Gustavo Silvano Batista

seja, a vida social deve estar relacionada estruturalmente à natureza da práxis, a partir de uma consciência comum, básica, anterior e decisiva no que se refere a todo atuar (BERNSTEIN, 1983).

Para Gadamer, pensar a cidadania filosoficamente significa, entre outros aspectos, considerá-la nos termos de uma atividade prática da razão na qual os indivíduos, em sua consciência de solidariedade, realizam seu papel social de decidir por si mesmos as questões próprias da vida na cidade. Tal aspecto pode ser afirmado como um elemento prático, próprio de um movimento que podemos nomear de refundação da cidade enquanto um espaço por excelência de relações sociais e solidariedades que supera o domínio cada vez maior da ciência e da técnica.

Gadamer insiste em considerar a existência de traços práticos próprios do florescimento destas novas solidariedades nos modos de vida dos países do sul que, em seu próprio modo de existir, trazem novas formas de lidar com a vida em comum e assim, possibilitam uma revisão do próprio exercício de viver em sociedade. Como diz o próprio Gadamer:

Vejo certos traços do mundo latino, que, com uma assombrosa capacidade de resistência, se defende da febre industrial de ganhos, uma alegria da vida natural que encontramos nos países do sul, como uma espécie de demonstração da existência de um centro mais estável da felicidade e de capacidade de satisfação do homem. (GADAMER, 1983, p. 55-56)

A partir destas palavras de Gadamer, podemos pensar de modo mais localizado a forma como atualmente os cidadãos brasileiros têm pensado e discutido as condições sociais de sua própria vida em sociedade. Deste modo, nas diversas formas de manifestação

e reivindicação de direitos sociais, assim como a preocupação com urgentes questões ambientais, impõe-se uma ampla discussão acerca do efetivo exercício da cidadania que, do ponto de vista de Gadamer, constitui-se o ponto fundamental para uma sociedade verdadeiramente democrática.

Assim, a busca de uma vida social mais igualitária e saudável para todos constitui-se por si só uma atitude de revisão e reflexão da própria estrutura social, historicamente marcada por injustiças e desigualdades históricas. Neste sentido, a esperança de Gadamer nos países do sul, e se consideramos particularmente o Brasil, nos quais pode-se ver um “comportar-se e atuar com solidariedade” (GADAMER, 1983, p. 56), não é desapontada. Quando o conjunto de cidadãos posiciona-se criticamente acerca do domínio real e injusto do mercado nos assuntos públicos, principalmente através da manutenção de negócios que promovem a degradação social e ambiental, visando lucro apenas para uma elite minoritária e dominadora, redescobre-se, em tal atitude cidadã, um caminho para a realização de novas formas de vida que, no seguimento de Gadamer, só poderiam ser sustentadas por uma verdadeira consciência comum de solidariedade. ☉

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Richard J. **Beyond Objectivism and Relativism: Science, Hermeneutics and Praxis**. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutics and Social Science*. **Cultural Hermeneutics**, n. 2, 1975.
- GADAMER, Hans-Georg. **A Razão na Época da Ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Gadamer e a refundação da cidade
Gustavo Silvano Batista

HEIDEGGER, Martin. **The Question Concerning Technology and Other Essays**. Nova York: Harper, 1977.

LAWN, Chris; KEANE, Niall. **The Gadamer Dictionary**. London: Continuum, 2011.

Submetido em Novembro de 2013.

Revisado em Janeiro de 2014.

Aceito em Fevereiro de 2014.